

O Arconte e o seu Outro. Gabriel García Márquez e os macondistas

Sérgio Luiz de Souza Costa¹

Resumo: Trabalhamos com a noção de arquivo como imaginada pelos filósofos Michel Foucault e Jacques Derrida e percebemos Gabriel García Márquez como o Arconte, aquele que guarda os arquivos da cultura latino-americana. Assim, elegemos como operadores de análise os conceitos de espaço e tempo, entrelaçados em relações de poder. Confirmamos como importante referencial de análise o contexto da modernidade tardia e a lógica cultural que o excede.

Palavras-chave – América Latina, arquivo, arconte

Abstract: The notion of the archive, as conceived by Michel Foucault and Jacques Derrida, has been used as a theoretical framework, placing Gabriel García Márquez as the Archon, i.e., the gatekeeper of the archives of Latin American culture. Accordingly, concepts of time and space, intertwined with a keen sense of power relations, have been deployed as the main analytical tools. The context of late modernity, and the logic that exceeds it, has been confirmed as an important framework for the analysis undertaken.

Keywords: Latin America, archive, archon.

A peste do esquecimento também existe entre nós.
Gabriel García Márquez, *Cheiro de goiaba*.

Nos anos 90 do século XX, muitas polêmicas sacodem a América. Com a emergência dos EUA como única potência mundial, a partir da falência da URSS, o chamado Consenso de Washington é veiculado como política econômica hegemônica. *Nosotros* da América Latina, lugar recorrente da dominação anglo-americana desde os tempos da Doutrina Monroe e do Destino Manifesto, sofremos diretamente os efeitos da acumulação em voga nas estratégias do capitalismo tardio. Porém, nestes tempos difíceis, uma outra polêmica movimentou os meios literários hispânicos: trata-se de uma ameaça de parricídio surgida em obras literárias que culminam com a organização de uma coletânea de contos em 2000. As discussões que se seguem, entre autores, jornalistas e crítica literária, apontam claramente

¹ Professor do Cefet-RJ. Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense.

para umnexo entre o contexto da política econômica do período e esta produção literária, que se auto intitula McOndo².

Para os estudiosos de literatura hispânica, esta polêmica não é periférica, pois afinal trata-se de um parricídio, apenas ameaçado, contra aqueles que nos anos 60 fizeram parte da geração do Boom da literatura hispânica. Sendo assim, não nos furtamos à tarefa de percorrer os caminhos desta produção literária, buscando os sintomas, indícios que nos permitissem compreender as tramas desta intenção parricida.

Desta forma, partimos do prólogo da antologia *Se habla español. Voces latinas en USA*, organizada por Edmundo Paz Soldán e Alberto Fuguet, com a intenção de rastrear o que esses autores elaboram a respeito do que escrevem, tendo em vista que se consideram os porta-vozes desse movimento que se imagina como a superação do Realismo Mágico enquanto uma certa visão da América Latina, segundo eles equivocada e limitadora. O foco principal da pesquisa desenvolveu-se a partir de duas obras específicas: *Sueños digitales*, de Paz Soldán e *Por favor, rebobinar*, de Fuguet. Através dessas obras, buscamos reconstruir as linhas de diálogo com a extensa obra de García Márquez, o que nos leva a uma primeira opção metodológica, qual seja, pela definição não de apenas uma obra de García Márquez e sim o conjunto da sua produção, do qual elencamos alguns pontos passíveis de análise, que consideramos como possibilidade operativa para elaborar uma leitura centrada na recorrência.

Com efeito, o objeto de nosso trabalho diz respeito à interlocução entre as obras desses autores como lugar privilegiado de observação de um discurso latino-americano, que se constrói a partir de experiências diversas de *tempo e espaço entrelaçadas com as relações de poder*. As discussões a respeito do conceito de América Latina são profícuas, de tal forma, remetemo-nos à análise de Eduardo Coutinho em seu *Literatura comparada na América Latina*. Não se pode conceber hoje o conceito de América Latina restrito somente aos países colonizados por neolatinos, ressalta-se ainda que a inclusão do Brasil se concretiza apenas a partir de meados do século XX, assim como também não se pode ignorar os universos transculturais dentro das nações anglo-saxônicas do continente:

A América Latina é uma construção múltipla, plural, móvel e variável, e, por conseguinte, altamente problemática, criada para designar um conjunto de nações, ou melhor, povos, que apresentam entre si diferenças fundamentais em todos os

² McOndo é título de uma antologia de contos, organizada por Alberto Fuguet e Sérgio Gómez, publicada em 1996, cujo prólogo tem um caráter de manifesto anti-realismo mágico. Estas mesmas idéias são reafirmadas em: “Não é Taco Bell: Apontamentos sobre McOndo e neoliberalismo mágico”. In: RESENDE, Beatriz (org.). *A literatura latino-americana do século XXI*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005, p. 101-109.

aspectos de sua conformação – étnicos, culturais, sociais, econômicos, políticos, históricos e geográficos -, mas que ao mesmo tempo apresentam semelhanças significativas em todos esses mesmos traços, sobretudo quando se os compara com os de outros povos. (...) A idéia de América Latina se desenha assim para nós como um mosaico de peças díspares, mas com fortes denominadores comuns, como uma região marcada por grande diversidade, mas que articula o heterogêneo em uma estrutura global permeável, contudo reconhecível por suas significações históricas e culturais comuns. (COUTINHO, 2003,42)

Desse modo, esse mosaico de peças díspares, chamado de América Latina, traduz em um universo de produções literárias também díspares, mas que dialogam entre si. Sendo assim, a escolha por um *locus* privilegiado de análise – as experimentações e vivências do tempo e do espaço – permite construir um diálogo entre textos literários que reinventam Américas diferentes, porém legíveis nas perversas relações de poder em que estão imersas. Com efeito, a referência fundamental do nacional para García Márquez contrapõe-se ao universo transnacional dos autores que se auto nomeiam mcondista.

No que se refere aos estudos comparativos, cabe aqui, sem muito nos alongar, alguns comentários a respeito do livro *Teoria Cult*, de Eneida Maria de Souza. Como a própria autora o apresenta, trata-se de um livro de ensaios em que há uma reflexão sobre a crítica literária e sua vinculação à crítica cultural e à literatura comparada. O livro representa uma importante contribuição para a nossa discussão a respeito de literatura e todas as suas querelas, uma vez que nos oferece uma base de sustentação, pois o seu texto de forma incisiva afirma a necessidade de “uma abordagem que não só valoriza o discurso literário, mas o considera na sua dimensão histórica e contextual”(SOUZA,2002,11). Com efeito, sua contribuição crítica enfatiza a necessidade de diálogo com outras elaborações intelectuais humanistas, o que enriquece os estudos de literatura comparada, não significando a relativização em excesso do objeto e nem a falta de rigor ao tratar com o mesmo. Segundo Eneida Maria de Souza,

[e]nfrentar o desconhecido, seja através do âmbito teórico ou ideológico, desconfiar de certezas estabelecidas são os perigos que possibilitam os avanços do pensamento crítico e a abertura para o novo, mesmo que este esteja já marcado pela sua exaustão.(SOUZA, 2002,12)

Acreditamos que esta perspectiva teórica aponta para possibilidades ampliadas de análise tanto no que diz respeito à teoria, à metodologia e ao objeto.

Parte de um universo complexo e não menos singular, a produção literária da América Latina tem demonstrado potencial criativo, estabelecendo de antemão um lugar na produção cultural da “periferia” em relação ao centro. De tal modo que o crítico Silviano

Santiago pensa o conceito de *entre-lugar*, conceito este que amplia as possibilidades de análise a respeito de questões de dependência cultural, considerando o diálogo crítico entre culturas hegemônicas e a literatura dos países periféricos. Santiago imagina um espaço de produção literária, que, por estar na periferia - ou seja, não somos, para ele, nem europeus nem americanos do norte -, precisa de um referencial de análise próprio:

Nem o lugar-comum dos nacionalismos brabos, nem o lugar-fetichado do aristocrata saber europeu. Lugar-comum e lugar-fetichado imaginei o *entre-lugar* e a solidariedade latino-americana. Inventei o *entre-lugar* do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado por nossos melhores escritores. (SANTIAGO apud SOUZA, 2002, 85).

Entretanto, como o próprio autor ressalta em livro recente, não se pode ler o contexto cultural da América Latina hoje sem pensar a questão de uma cultura globalizada: “uma sociedade civil na periferia é paradoxalmente impensável sem os avanços tecnológicos da informática”(SANTIAGO, 2004, 59).

George Yúdice ressalta que “nas últimas duas décadas, as novas abordagens do estudo da cultura na América Latina começaram a considerar a globalização”(YÚDICE, 2004, 129). De tal forma que o já complexo ambiente latino transfigura-se em função de uma realidade aparentemente inexorável. Como se não bastassem as realidades locais, agora surge mais um elemento complicador para análise da produção literária e, conseqüentemente, da cultura: a abordagem desta em um sistema de economia globalizada. E, diante de uma realidade Real, o fato que vai forçar uma nova análise dos movimentos de resistência à dominação, sobretudo estadunidense, é o atentado de 11 de setembro.

De antemão, apontamos que a leitura dos textos de García Márquez e dos McOndistas requer uma ampliação dos referenciais teóricos, na intenção de compreender quais são as estratégias narrativas. Ao mesmo tempo, diante de um contexto específico de questionamento das variadas fronteiras, faz-se necessária a investigação de como a recente produção literária latino-americana assume um lugar na produção cultural nas Américas, absorvendo o que Jameson chama de *A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*.

Assim, o que está em jogo é exatamente este *entre-lugar* do discurso latino-americano. Entendendo que, na produção literária de Gabriel García Márquez, este *entre-lugar* é o lugar do **arconte**, o arquivo da experiência da resistência, uma vez que o contexto histórico latino-americano é marcado pela dominação. Continente de identidades partidas, fragmentadas, uma espetacular instituição de seqüestro, onde os delírios de civilização e barbárie se complementam como instância de resistência, em que a própria sobrevivência se

estabelece em uma expectativa de reação. No entanto, para os mcondistas, na impossibilidade de se estabelecerem como arcontes, o entre-lugar não se configura como referencial de produção cultural, deslizando para o vazio pleno de objetos, coisas, mercadorias do não-lugar, tal como já teorizados por Marc Augé.

Buscamos uma análise das vivências temporais inscritas nos textos elencados. Tomamos como categoria fundamental o arquivo como foi teorizado por Jacques Derrida e Michel Foucault. Assim, elaboramos uma leitura da memória como operadora de discursos, tipificando o movimento da lembrança e do esquecimento como prerrogativas do arconte. Mapeamos as obras de Fuguet e Paz Soldán, na expectativa de entendimento de uma vivência do tempo, em que a combinação da subjetividade fraturada coisificação do humano presente na modernidade tardia conduz à impossibilidade do reconhecimento e usufruto de uma memória coletiva de sustentação do indivíduo. Da extensa obra de García Márquez, elencamos algumas passagens numa intenção dialogal com os mcondistas, em que a experiência de transculturação da personagem Síerva Maria, do romance *Do amor e outros demônios*, funcionou como recuperação de uma memória coletiva oralizada e reafirmação do caráter transcultural da formação da nacionalidade. Da mesma forma, a escrita biográfica de García Márquez oferece uma possibilidade de análise bastante frutífera da escrita de si na constituição da subjetividade, tendo em vista que, como é próprio desse tipo de relato, as variadas temporalidades entrelaçadas permitem reconhecer as dobras do texto que, por sua vez, apontam para outras dobras.

Elaboramos uma análise do espaço considerando como categoria fundamental a questão do desejo. Com efeito, percebemos que nos textos mcondistas existe uma cartografia desejada, imaginada na construção de uma fronteira alargada da América Latina, que de forma emblemática chega aos céus de Miami. A experiência do não-lugar conjugada ao hiperespaço provoca a angústia da individualidade solitária que conduz os personagens, tanto de Fuguet quanto de Paz Soldán, a uma experimentação do trágico. No entanto, a produção literária de García Márquez aponta para a reafirmação das fronteiras do Estado nacional, em que o fora e o dentro são perfeitamente reconhecíveis e transmutados em textos, constituindo-se no marco fundador de uma determinada visão de América Latina, de uma cartografia também imaginada. A questão edípica anunciada pelos mcondistas e potencializadas nos textos refere-se então à transgressão desse marco fundador, tanto no que diz respeito às fronteiras quanto do lugar do discurso da/na cultura. As vivências espaciais experimentadas pelos mcondistas apontam para uma não-superação da situação edípica, que retorna em forma de sintoma que percorre os textos produzidos.

Consideramos enfim que o referencial de leitura incorporador das vivências de tempo e espaço é aquele que abriga as relações de poder. Desse modo, entram em jogo os mecanismos construídos para o biopoder, imaginado pelos filósofos Giorgio Agamben e Michel Foucault como instância privilegiada de controle social na modernidade tardia, sobretudo no que diz respeito à naturalização das vivências de tempo e espaço. Justamente nessa confluência reside nosso trabalho intelectual de desnaturalizar o que não é natural, ainda que próprio da vida humana: a inserção numa perspectiva espaço-temporal. O texto literário, testemunha privilegiada e rica, oferece a oportunidade singular para essa investigação que procura deslindar as dobras do que não pode ser naturalizado, visto que é cultura.